

Revista
Latino-americana de

Geografia *e* Gênero

Volume 15, número 2 (2024)
ISSN: 2177-2886

Resenha

Terrenos demoníacos: mulheres negras e as cartografias da luta de Katherine McKittrick

*Terrenos demoníacos: mujeres negras y las
cartografías de la lucha de Katherine McKittrick*

*Demonic Grounds: black women and the
cartographies of struggle by Katherine McKittrick*

Raquel Almeida Mendes

Universidade Estadual de Campinas - Brasil
almeidamendesraquel@gmail.com

Como citar este artigo:

MENDES, Raquel Almeida. Resenha: Terrenos demoníacos: mulheres negras e as cartografias da luta de Katherine McKittrick. **Revista Latino Americana de Geografia e Gênero**, v. 15, n. 2, p. 313-319, 2024. ISSN 2177-2886.

Disponível em:

<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg>

Com importantes trabalhos desenvolvidos no campo do Pensamento Feminista Negro e dos estudos humanísticos na Geografia, mais especificamente no que concerne aos debates metodológicos, culturais e artísticos, Katherine McKittrick vem tecendo relevantes análises, sistematizações e questionamentos em torno das geografias negras e das dimensões raciais e sexuais na produção do espaço.

Enquanto escritora, editora e docente-pesquisadora no Departamento de Estudos de Gênero da *Queen's University* (Kingston, Ontário, Canadá), ela tem construído uma trajetória de publicações e comunicações sobre as potencialidades da Geografia (mas não apenas dela, haja vista os aportes interdisciplinares de seus escritos) na contraposição à luta colonial, ao mesmo tempo reconhecendo os vestígios simbólicos e materiais reincidentes no processo de constituição e renovação dessa ciência, frente à conformação de práticas discursivas eurocentradas.

Em *Demonic Grounds: Black Women and the Cartographies of Struggle*, publicado em 2006 pela *University of Minnesota Press* e, por enquanto, com edição apenas em língua inglesa, encontramos importantes contribuições da autora na análise das teorias sociais e geográficas no que tange à interconexão das epistemes, métodos e experiências espaciais de mulheres negras no Canadá, Caribe e Estados Unidos, tendo em vista os impactos do comércio transatlântico nos deslocamentos físicos e simbólicos decorrentes dos movimentos afro-diaspóricos no passado e no presente.

O que vemos e lemos, portanto, é a composição de um complexo e multifacetado espectro conceitual e metodológico no que concerne às investigações geográficas, históricas e contemporâneas vividas, produzidas e mobilizadas pelas mulheres negras, a despeito dos paradigmas geográficos coloniais que tratam de ocultar as questões raciais ou mesmo enquadrá-las como não geográficas. Para a autora, a Geografia, enquanto saber dimensionado material e discursivamente, tem sua relevância crivada a partir da capacidade de fundamentar nosso olhar e nosso agir mediante as práticas de mapeamento, observação das paisagens físicas, na constituição dos nossos imaginários e, principalmente, das relações sociais mutáveis e diversas imbricadas nos lugares e nos espaços, desafiando padrões geográficos tradicionais.

A relação das mulheres negras dentro dos marcadores classistas, patriarcais e brancos da geografia tradicional é de constante negociação da paisagem geográfica imperialista e masculinista. Katherine McKittrick destaca as práticas espaciais de dominação e de resistência colonial como o local central de atuação dos sujeitos negros diaspóricos, que estão continuamente em confronto com os binários espaciais marginalidade-centralidade, migração-assentamento e segregação-integração. Sob a ótica dos navios negreiros e das senzalas, coexistem as rebeliões em alto mar e os aquilombamentos. Tais contradições marcam profundamente as geografias de mulheres negras, destacando suas práticas espaciais dentro de um duplo movimento: atuação periférica junto aos padrões geográficos tradicionais e constituição de padrões geográficos alternativos.

A escrita encorpada, profunda e engajada de McKittrick, durante os cinco

densos capítulos do livro, faz com que a construção da presente resenha esteja, pretensiosamente, inapta a abarcar plenamente os debates filosóficos, conceituais e metodológicos apresentados pela autora. Assim, de antemão, destacamos o nosso olhar como um pequeno feixe da discussão, onde os restritos elementos convidados ao debate perpassam por enviesamentos, de acordo com as preferências teórico-analíticas das bibliografias e pesquisas traçadas por esta que vos resenha, além dos enviesamentos relacionados aos debates e possíveis diálogos em curso na geografia negra brasileira, mais especificamente em nossa tentativa de buscar estabelecer um raciocínio antirracista no processo de mobilização dos saberes geográficos.

De modo a trazer uma síntese das discussões desencadeadas pela autora, faremos uma análise, a partir de então, dos principais argumentos e perspectivas teóricas evidentes em cada um dos cinco capítulos presentes no livro. Iniciando nosso exercício de síntese com o Capítulo 1: *I Lost an Arm on My Last Trip Home: Black Geographies*, nos deparamos com um interessante aspecto da linguagem adotada pela autora, que, apesar de trazer com destreza a linguagem acadêmico-científica, por intermédio dos escritos de pesquisadores/as como Ruth Gilmore, Neil Smith, Stuart Hall, Silvia Winter, dentre outros/as, também nos presenteia (no título e nas demais considerações do trecho) com a linguagem artística/literária de Kindred, uma das mais importantes obras da escritora afro-americana Octavia E. Butler.

Para McKittrick, as experiências corporais e psíquicas da protagonista Dana Franklin, em seus deslocamentos entre passado e presente — ora no apartamento da personagem, na Califórnia urbana de 1976, ora por volta de 200 anos antes, em Maryland, numa plantação escravista pré-Guerra Civil — introduzem as geografias de mulheres negras como múltiplos locais de confronto aos espaços materializados da escravidão transatlântica e das práticas de dominação racial e sexual europeia. Essas geografias também representam a produção de outras paisagens re-espacializadas por intermédio das vivências negras, que não se conformam às geometrias e linearidades dos padrões espaciais vigentes.

Por assim dizer, os espaços e lugares com os quais estamos em constante relação são desvendados e disputados pela subjetivação do corpo racializado, generificado e classificado, de modo que tais relações não se desdobram apenas na despossessão territorial e segregação social de sujeitos negros/as. Ou seja, não se restringem apenas à desigual organização espacial dada a hierarquização de indivíduos, comunidades e regiões, no intuito de privilegiar as necessidades brancas, patriarcais, capitalistas e heterossexuais. A contestação desse sistema é, a meu ver, um dos principais argumentos do Capítulo 1, no qual a autora nos aponta as geografias negras como substrato espacial da luta política, capaz de demonstrar tanto os aspectos que limitam os arranjos espaciais tradicionais quanto os que possibilitam a produção de conhecimentos geográficos sobre e a partir dos sujeitos negros.

As geografias negras incluem trajetórias filosóficas, materiais, imaginárias e representacionais; cada uma dessas trajetórias, embora interligadas, também indica processos multiescalares que impactam e organizam o cotidiano [...] estão localizadas dentro e fora dos limites

dos espaços e lugares tradicionais; [...] elas são lugares e espaços de negação e resistência social, econômica e política; (McKittrick, 2006, p.7, tradução nossa).

As potencialidades destacadas acima acerca das experiências espaciais negras são acompanhadas pelo que também consideramos uma das principais problematizações inseridas na crítica da autora: a marginalização discursiva das lutas espaciais negras como não-geográficas. Considerando que os processos de dominação, para McKittrick, são espacialmente sustentados por códigos raciais e sexuais, essa negação provém de um contraditório cenário onde os estudos raciais, ainda que não completamente ausentes das investigações geográficas, são confrontados pelas práticas racistas e heranças colonialistas que constituem os fundamentos epistemológicos e a atuação profissional em Geografia.

No Capítulo 2, *The Last Place They Thought Of: Black Women's Geographies*, McKittrick aborda o esconderijo de Harriet Jacobs em seus relatos autobiográficos sobre a escravidão: um sótão com cerca de 22 x 17 x 3 cm utilizado como refúgio dos abusos constantes infligidos pelo escravista Dr. Flint. A fuga de Harriet para esse minúsculo local, onde permaneceu por sete anos, é retratada como a materialidade geográfica de uma mulher negra em ação. A luta contra as agressivas investidas raciais e sexuais do seu dono prescinde a fuga para um lugar inapropriado e debilitante, onde seu corpo, ainda que de distintas maneiras e proporções, permanece em cativeiro, punido pela precariedade do sótão e também pelo afastamento dos filhos.

Naquele contexto, apesar da corporeidade negra feminina objetificada, categorizada como mecanismo reprodutor sexualmente disponível e mantido às margens da política espacial colonial, temos, nas geografias das mulheres negras marginalizadas, a construção de estratégias de re-espacialização das desigualdades estruturais através de posturas e ações politicamente opositoras ao comboio racista-sexista que as aflige. A margem, conforme lemos no livro, é local de subjetivação e autenticidade da luta das mulheres negras, portanto, são atributos espaciais significativos que devem ser considerados em nossa análise geográfica.

McKittrick, em diálogo com bell hooks, enuncia a partir das margens, dos restritos redutos e possibilidades de desvencilhamento da subjugação escravista, onde o sótão que abrigou Harriet Jacobs por sete anos materializa uma política espacial distinta, capaz de desafiar os modelos masculinos e feministas euro-americanos brancos. A autenticidade da posição marginal/periférica de mulheres negras, mais especificamente das suas memórias e experiências socioespaciais, localiza e politiza apagamentos e opressões outrora existentes, tomando a complexidade das avenidas identitárias negras e femininas como um importante desafio de implementação/processamento na agenda geográfica.

Dos arranjos violentos que alcançaram os corpos de Harriet e seus filhos, resultaram práticas marginais paradoxais envolvidas tanto nas ações de enclausuramento quanto na construção de geografias de libertação. Destarte, as vivências de mulheres negras não constituem apenas uma arena conceitual, mas uma conjunção entre espaços materiais e metafóricos continuamente

reificados em prol de suas lutas por libertação.

Enquanto o Capítulo 2 é desenvolvido frente às considerações sobre o sótão de Harriet Jacobs, o Capítulo 3, intitulado *The Authenticity of This Story Has Not Been Documented: Auction Blocks*, destaca o bloco de leilão em Green Hill, caracterizado como uma mesa de pedra sobre a qual os sujeitos escravizados eram posicionados, com seus corpos expostos, para serem leiloados/vendidos. O bloco de leilão, de acordo com as discussões da autora, configura-se como um local de memória, de interseções, histórias e expressões da geografia humana. Trata-se, portanto, de uma geografia materializada e entrelaçada com processos sociais acerca das espacialidades do cativo, liberdade e resistência.

Em tom similar aos aspectos debatidos sobre o sótão, porém com suas especificidades, o bloco de leilão é tido como ponto de inflexão dos processos de diferenciação racial e sexual na escravidão transatlântica. Sujeitos negros/as comprados nos blocos de leilão eram considerados de maneira distinta nos atos de compra e venda. As mulheres negras, exibidas parcialmente ou completamente nuas, tinham seus seios, estômago e órgãos sexuais examinados por compradores de escravos que buscavam atestar o potencial reprodutivo destas — ou melhor, a continuidade e necessidade de reprodução da mão de obra escravista. Afinal, “[...] a carne feminina negra não é apenas sangue, cabelo e pele; também é útero, seios e espaço entre pernas [...] as qualidades compráveis e lucrativas da feminilidade negra giram em torno do corpo sexuado” (McKittrick, 2006, p. 81, tradução nossa).

A partir desses debates, há uma importante consideração da autora sobre a escala do corpo, introduzida em diálogo com as perspectivas do teórico Neil Smith sobre escalaridade como a tecnologia pela qual pessoas e eventos são contidos no espaço, ensejando contextos de opressão e também de emancipação. Cabe mencionar que tal debate, aprioristicamente, apresentou-se bastante complexo, afinal, como visualizar os blocos de leilão enquanto espaço de emancipação?

A resposta veio com mais algumas páginas de leitura, por intermédio da narrativa de escravização de Delicia Patterson que, ao ser exposta em um bloco de leilão, optou por agir como mercadoria indigna, performando rebeldia e comportamentos suicidas, buscando, por meio dessas práticas, evitar compradores e possibilitar a reunificação com seu pai. Nesse ínterim, Patterson transforma o bloco de leilão em espaço de contestação, onde, por meio da escala do seu corpo em “desequilíbrio”, ela tentava redefinir os sentidos e as limitações geográficas tradicionais dos blocos: “[...] um local onde forças estruturais podem ser (e são) questionadas, onde a humanidade negra está envolvida na produção do espaço” (McKittrick, 2006, p. 90, tradução nossa).

Encaminhando os debates para o Capítulo 4, *Nothing's Shocking: Black Canada*, temos um amplo debate sobre as geografias da negritude canadense, nação que, segundo as considerações da autora, tem se autodeterminado como euro-branca, atribuindo aos lugares, eventos e pessoas afro-originados a condição de não-canadenses. Tais perspectivas, infelizmente, não se reduzem ao contexto canadense. Afinal, mesmo no Brasil, onde pretos e pardos compõem mais da metade da população, ainda lidamos com discursos e práticas institucionalizadas que privilegiam a matriz europeia em detrimento

das matrizes negras e indígenas.

A despeito de todas as restrições espaciais que o contexto colonial canadense tem estabelecido, de modo a subordinar e excluir histórica e territorialmente a negritude, há, no inegável conteúdo da paisagem material, social e política de sujeitos subalternizados, a conformação de um Canadá negro vivo e operante.

Ao definir e construir o mundo que habitam, os sujeitos negros desafiam como conhecemos e entendemos a geografia; ao abordar seriamente o espaço e o lugar no cotidiano, através do local da memória[...]também confrontam a objetificação socioespacial ao oferecer uma percepção diferente de como a geografia é e pode ser vivida (McKittrick, 2006, p. 92, tradução nossa).

Assim, o engajamento de inúmeros teóricos e ativistas canadenses, que atuam no intuito de evidenciar as lutas da comunidade negra no passado e no presente, está marcado por constantes investidas da parte hegemônica/opositora. A exemplo da destruição do cemitério negro de Durham Road, do ataque à comunidade negra de Africville nos anos de 1960, na Nova Escócia, do avanço de políticas migratórias racistas, dentre outros aspectos, é ratificado pela autora enquanto ataques ao "outro" racializado, desvinculado da formação territorial do país e inexistente aquém do espectro migrante caribenho.

A partir das narrativas de Harriet Jacobs (Capítulo 2), McKittrick destaca as estratégias em curso na contraposição das repressões raciais no discurso nacional. Ao invés de insistir na negritude como pertencente a outro lugar, devemos considerar os estudos e negociações políticas que hipervisualizam as geografias negras locais e internacionais, dos espaços e repertórios de lugares situados dentro do Estado-nação.

Considerando os debates acima, a figura de Marie-Joseph Angélique, mencionada no início do Capítulo 4, torna-se emblemática, pois se trata de uma escravizada nascida em Portugal que, supostamente, incendiou grande parte de Montreal (Nova França) em abril de 1734. Para a autora, as geografias inesperadas ou alternativas de mulheres negras, tendo em vista suas práticas e discursos enquanto sujeitas históricas indisciplinadas/inconformadas, também põem em xeque as purezas nacionais reforçadas pelos ocultamentos da comunidade negra canadense, reivindicando uma constante análise sobre a caracterização do "onde", "como", "quem" e "quando" dos estudos raciais e de gênero.

Por fim, no Capítulo 5, intitulado *Demonic Grounds*: Sylvia Wynter, McKittrick recorre aos debates da filósofa jamaicana nomeada no subtítulo, para pensar geografias materiais e conceituais da diáspora negra, não apenas na visão restrita da marginalidade ou da diferença racial, mas em outras formas de vida encarnadas na produção do espaço, considerando os processos de dominação por critérios de raça e sexo como projetos espaciais contínuos, responsáveis por reiterar a naturalização ideológica de mulheres negras ao lugar do cativo, do corpo desapropriado, visto como não-geográfico justamente por se tratar de conhecimentos espaciais inadequados à lógica

masculinista branca.

A super-representação do homem burguês ocidental, segundo as considerações de Sylvia Wynter, enquanto único modelo de humanidade disponível, concretiza-se mediante práticas discursivas e empíricas. As geografias do homem super-representado, ao se valerem dos processos globais de hierarquização de religiões, culturas e modos de vida das populações negras e indígenas, fomentam projetos coloniais com arranjos espaciais regulamentados racialmente.

Por esses fios argumentativos, McKittrick estabelece nexos com os debates de Angela Davis e Ruth Gilmore sobre a expansão das prisões estadunidenses na Califórnia, identificando os complexos industriais-prisionais como espaços que produzem e ocultam simultaneamente o racismo, na medida em que decorrem do abandono de áreas urbanas periféricas, massivamente habitadas por negros/as, e, ao mesmo tempo, da injeção de recursos e promessas de desenvolvimento em áreas rurais economicamente deprimidas, onde as prisões são construídas. Isso aprofunda geografias desiguais, nas quais os/as indesejados/as têm suas liberdades cerceadas e se tornam mão de obra precarizada.

O espaço socialmente constituído, nesse sentido, remonta à rejeição institucionalizada da diferença frente aos regimes de colonialismo, à naturalização de visões de mundo racistas e sexistas, à escravidão transatlântica, à legitimação de saberes europeus e à hegemonização do feminismo branco. As práticas espaciais da negritude, portanto, são silenciadas diante dos paradigmas geográficos tradicionais, e, quando se trata da sobreposição do racismo-sexismo, temos, nas práticas espaciais de mulheres negras, o lugar do irreconhecível/inadequado, nada mais do que terrenos demoníacos materializados e enunciados pelas lutas dessas mulheres.

Quer seja em sótãos, blocos de leilão ou ruas de Montreal, conforme debatido pela autora no decorrer dos capítulos, tem-se a especificidade das intervenções subalternas contínuas como reificação e politização do lugar marginal atribuído às mulheres negras no passado e no presente. Trata-se de geografias criativas e inacabadas que não se limitam à lógica dominante e disputam outros padrões e modos de compreensão acerca das relações entre sujeitos e meio geográfico.

Referências

MCKITTRICK, Katherine. **Demonic grounds**: Black women and the cartographies of struggle. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2006.

Recebido em 02 de agosto de 2024.

Aceito em 11 de outubro de 2024.

Raquel Almeida Mendes

